

O CYSNE

03 DE NOVEMBRO  
DE 1889

*M. L. Soares*  
*Engenheiro Soares*  
*Filho.*  
*Recife*  
*Hotel S. Antonio*

ANNO I

PARAHYBA DO NORTE, 3 DE NOVEMBRO DE 1889

NUMERO I

# O CYSNE

JORNAL LITTERARIO E NOTICIOSO

Assignaturas	ESCRITORIO E REDACÇÃO	Publicação
Por um mez. . . . \$500 Numero avulso. . . \$160	Rua Nova d'Alagôa n. 20	Publica-se semanalmente.

## Expediente

Nenhum escripto se aceitará sem que esteja assignado e competentemente responsabilizado.

Os authographos publicados ou não jamais serão restituídos.

Terá direito a uma assignatura, quem agenciar dez para este jornal.

As publicações solicitadas só serão feitas sob ajuste.

Todo pagamento será feito adiantadamente.

Todo e qualquer negocio referente ao Cysne, trata-se no nosso escriptorio, á rua Nova d'Alagôa n. 20.

## AVIZO

Consideramos como assignantes do nosso jornal todas aquellas pessoas que, recebendo o primeiro numero, não o devolverem no prazo de cinco dias a contar do dia do seu apparecimento.

**O CYSNE**

PARAHYBA, 3 DE NOVEMBRO DE 1889

Sem nenhuma recommendação valiosa, o « Cisne », que representa uma parte da sociedade que muito e muito preza o cultivo do es-

pirito, apresenta-se hoje, quasi que taceando no mundo do jornalismo, por onde ha de peregrinar por longo espaço de tempo, se a luz sublime da imprensa não lhe espanear a treva que lhe vai n'alma!

Avidos de letras e instrucção, nós, arrastando, sobranceiros, os furores pertinazes de uma ventania que é rigida, e, em aterradora tempestade declarada, affrontamos os duros embates das ondas enraivecidas de um mar que é turvo e que, revolto, ameaça derrota.

Seja ou não longa a tempestade, seja embora inevitavel um naufragio penoso, soplrem todos os ventos de uma só vez, e, em grossas bagas, caia uma chuva longa que molhe as nossas vestes ja humidas, que não farão resfriar no coração dos intrepidos nautas a esperança de irem abordar no porto salutar da Litteratura; ahi será a nossa nova patria.

O nosso caminhar por estas parageus desconhecidas, por estes extensos campos de ar agradável e attraente, mas que a trilha é de abroslhos, é em busca d'esse mancestral divino que fortalece o ser que pensa e o faz conhecedor da razão e de seus direitos constitucionaes

Era já tempo de a mocidade parahybana tomar

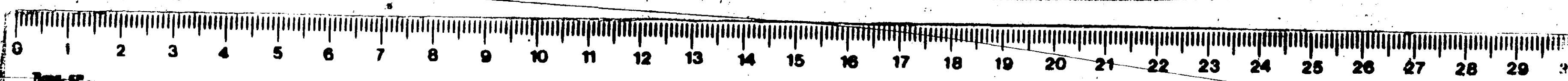
assento no banquete do jornalismo.

A imprensa, essa deusa carinhosa que maternalmente abraça os filhos orphãos, que jamais tiveram o doce affecto de uma mãe estremeçada, apertará com o mesmo carinho o « Cisne », implume ainda, e o aquecerá em seu collo amigo, bafejando-o com o seu halito santo, dando-lhe, assim, forças para se apresentar aos renhidos combates da vida, cujas palmas, se as obtiver, submisso, deporá, cheio de contentamento, no seu alvo regaço jaspeado.

Nunca falta a seiva á boamente que é cuidadosamente regada de bons orvalhos.

Se a terra é fertil e o lavrador não adormece, colhe-se fructos sazonados, de sabor excellente e em abundancia maior; se, porem, o lavrador é descuidoso, aos menores raios de um verão desnublado, entristece-se a planta, dobram-se quasi sem vida as suas hastes, e os seus fructos serão mirrados ainda em flor.

Nós, porém que permanecemos de vigilia, em longa insomnia, não deixaremos nunca de trabalhar com todas as nossas forças para conseguirmos colher o pomo ambicionado da instrucção e repartil-o com aquelles que



sentem a fraqueza no espirito.

O livro é o instrumento miraculoso com que rasgamos os densos nevoeiros e afastamos os espinhos da verdade que nos conduz às portas do paraizo; é com elle que nós podemos transpor os umbraes do maravilhoso oraculo da Sabedoria.

E' o livro a boa semente que dá seiva para todo o universo.

Escudados assim tão fortemente, tendo na dextra um livro e uma crença firme no coração, nós, os novos pugadores pelas lettras, cheios de fé, nos apresentamos hoje no campo da batalha e, ao annunciar-nos o clarim a hora da peleja, nós desenrolamos a nossa bandeira, onde se lê a nossa divisa: — Litteratura e Noticias.

Resta, pois, aos apreciadores da luta, dissimular um passo menos seguro, que, por acaso, no calor do combate, derem os novos combatentes.

NOTICIAS

**Pelos palcos**—Na noite de 31 de Outubro proximo findo, a sociedade Santa Cruz deu um espectáculo, levando á scena o drama em 3 actos—*André o fabricante*.

O espectáculo foi bastante concorrido; agradou-nos sobretudo a comedia—*Tão bom é o pae como o filho*.

—Inaugura-se hoje pelas oito horas da noite o theatro Santa Rosa.

**Exonerações**.—A seu pedido, foi exonerado do cargo de fiscal da estrada de ferro Conde d' Eu nosso distincto e intelligente provincialiano, o engenheiro Augusto Toscano de Brito.

—Tambem foi exonerado, á seu pedido, por acto de 31 do mez proximo findo, do cargo de Promotor Publico de Guarabira, o Dr. José Joaquim de Sá e Benevides.

**Exames preparatorios**.—Amanhã se iniciarão no Lyceu d'esta capital os exames preparatorios do corrente anno lectivo.

**Suspensão**.—Em consequencia de perturbação de ordem publica levantada por alguns estudantes, forão, pelo Director da Faculdade do Recife, suspensas as inscrições para exames geraes de preparatorios naquella Provincia.

—Forão extinctas as repartições da Provincia, que erão remuneradas pela verba — Soccorros Publicos — e dispensados os empregados n'ellas occupados.

**Inauguração**.— Terá logar hoje á 1 hora da tarde a inauguração do quartel da guarnição de linha d'esta Capital.

**Nomeação**.—Foi nomeado para reger vitaliciamente a 4.ª cadeira do bairro baixo a Sr.ª D. Anna Hygina Bittencourt Pessoa, professora normalista.

LITTERATURA

ULTIMO BEIJO

Armando, o poeta admirado, cujas inspirações enthusiasmas vão, pela languidez sublime de seus versos apaixonados, pela doçura sentimental de seu estilo, jazia mollemente estendido no seu avelludado leito macio; su-

bito entreabre-se o reposteiro de sua alcova e um vulto gracioso de mulher apparece, descoberto o rosado macio de seu collo erguido, a palpitar faceiramente.

—Quanta ingratição, Armando! . . .

—Dize antes, Estella, quanta desventura! . . . Ella ente cuja infelicidade se possa comparar á minha? não ha, bem vós; a aragem, que brandamente passa, segreda aos quatro ventos, para que todo o universo saiba, que eu sou o mais desventurado dos homens . . .

—Ah! tu te lastimas . . . ?

—Sim! e porque não? não tenho direito?

—E a pobre que a insonia vella, o que dirá?

—Não sei; se é feliz . . .

—E' feliz a mulher que dá o coração a um homem que a despreza?

—Não.

—E onde está minha felicidade? . . .

—E' feliz tambem o homem que, amando doudamente uma mulher que lhe inspirou, em noites de luar ameno, sonetos harmoniosos, que o mundo os lê com enthusiasmo, e que o poeta enfermo vai extinguindo-se, somente agora ella acêrca-se do seu leito para, desdenhosamente, vel o exalar o ultimo suspiro? . . . Como és cruel, Estella! . . .

—Ah! perdoa-me! eu não sou culpada! . . . se tu soubesses que noites de um lacrimar continuo tenho soluçado por ti! . . . eu me cria desprezada . . .

—Soffremos mutuamente!

—Não me falles de soffrimentos; vivamos para gosar o mundo que tem os seus attractivos.

—Como é tarde! a lampa-

da da minha vida não tarda extinguir a luz; tenho apenas tempo de pedir-te o beijo do meu noivado; dá-m'o, quero conhecer a felicidade no momento supremo da morte!

—Eu quero tambem, no mesmo gozo, morrer contigo!

E com todo o ardor de uma alma apaixonada, Estella atirou-se aos braços de seu amante, e, entre o estalar ruído dos beijos é o palpitar faceiramente do rosado de seu collo erguido, exclamava voluptuosamente:

—Como é doce o morrer em leito macio, nos braços do seu amor! . . .

SEBASTIÃO SIQUEIRA

Crepusculo

Era pelas horas do arrebol que a lua semi-apparente espargia pelas florestas do novo mundo os flancos purpureos de sua magnificencia, qual a sombra benefica da magia, transpondo a sublimidade do idealismo.

O mundo, passando a transformar-se n'um Edem á falua, poetisava a hora amenissima da natureza a scismar, e a araponga, que alegre saudava o despontar da noite, contemplava o quadro do pintor, cuja mão não se descreve na orbita planetaria, e cuja tela recama a orla das regiões solares. As avesinhas travessas e buliçosas espraíavam seu vôo ao ocio nocturno e, reunidas n'um nervoso amplexo, cantavam hymnos sublimes, como os hymnos de Moysès, e modulavam longas saudações ás virações subltis, que passavam, levando de arrombo os redemoinhos de enthusiasmo, que superava o rir do occaso, sequioso da luz cre-

puscular. Um grito monotono, rasgando as bagas do infinito, parecia annunciar o inicio de alguma epocha futuraria, ou que os sylvos da locomotiva lobrigavam a noite, soltando aos cataventos veloces o primor archeologico e atirando no dedalo da difficuldade o timido irmão de Pery, que attonito procurava os pincares dos montes, para a sua adega facticia. Mas não era nada d'isto. O santelmo, acrisolado ao elo do morrer da tarde, assomava o receptaculo de seu carro, que adrede preparado, rociava, nomade, os corpos da natureza, que se ostentava sabia no gemer suspiroso do simoum, lambendo, de manso, a areia do Sahara.

Era Deus, esse protogonista sublime, que no calix da phantasia, formava um diadema das immurcheciveis flores da dhalia, que, pendida no galho, ao orvalho do amanhecer, inspira ao poeta a imaginação facunda e extasia, silenciosa, os propugnadores de uma idéa—a criação.

Era um claustro, ornado das pedrarias de Mizora, que tartamudeava canticos offerecidos ao Eterno, envolto no véo da hypocondria. Era a hora em que a vaga irascivel batia nos combros d'uma praia arenosa, qual um satellite na região lunar. Era, finalmente, o crepusculo vespertino que surgia e o horror da noite, que começava.

JOSE' THOMAZ

De durindana em punho.

Creio que não tenho necessidade de dar-me a conhecer,

Qual de vós, oh entes que cahis na patetica de abrir um livro, não terá lido a mais formidavel bacamartada romantica de que há memoria? Qual de vós já não terá admirado as minhas proezas, que correm, em não sei quantas linguas, por este mundo de meu Deus?

Se alguém por ali ignora a minha biographia, trate de sabel-a que eu instruções não dou. Não vim cá para tratar da minha chronica; vim, pelo contrario, para tratar de chronica dos outros. Compareci de durindana em punho para derribar os *marionets* da poesia q' tenham o arrojo de surgir por estas columnas. Ai d'aquelle que me apparecer aqui manco por falta da perna de páo de uma ou duas syllabas. Ai d'aquelle que venha carecendo de amputação na difformidade colossal d'um pé quebrado.

Tenho procuração bastante de Appollo para desancar esses Icaros poeticos.

Não me escapa um; um só não tem o gostinho de botar a cabeça de fóra sem provar da minha durindana.

Sonetos bovinos, quadras altissimas, alexandrinos buldianicos, tremei que a sorte que vos espera é cruel!

Filhos do parto laborioso de uma cabeça occa, heis de ser reduzidos a fanicos!

Poetasiros de bico doce q' andais a engendrar lyrismos morbidos, não vos queria estar na pelle! !

Chegou a hora de vosso castigo. As vossas *ellas* vão chorar vos vendo o lastimoso estado. E vós, polichinellos baratos da feira poetica, passareis pelo supino desgosto de assistir o esfrangalhamento da vossa corôa de louros.

FERRABRAZ

## BOUQUET DAS MUSAS

## A TEMPESTADE

( A' IGNACIO ARAUZ )

Da noute ja descia o manto e negrecido,  
 Bem como um véo sombrio ou como um pezadello ;  
 Nos galhos do arvoredo os ultimos cantares  
 Soltava o rouxinol, — e a rola tristemente  
 Nas ramas do silvedo, á beira do caminho,  
 Enchia de tristeza a vaga solidado,  
 Gemendo docemente um canto harmonioso,  
 — Adeus tristonho e doce às horas do crepusculo.

Aos pincaros do monte as aguias ja voltavam,  
 E ainda pelo espaço as lédas andorinhas  
 Cruzavam, como o bando alegre dos infantes  
 Brincando a gargalhar nos plainos do terreiro ;  
 A nevoa ja descia... a tarde desmaiava...  
 E a languida cescen, ás perolas do orvalho,  
 A fronte esbranquiçada e gélida volvia  
 Ao céo — sereno mar — de estrellas marchietado.

Da lapa rebentava a musica do insecto...  
 Na lobrega soidão das balsas virginaas  
 O vento recurvava os braços musculosos  
 Das arvores, rugindo assim como um chacal ;  
 Da magica luzerna um raio azul, tremente,  
 Lançava o pirilampo, abrindo a treva infinda ;  
 No espaço, do vampiro as azas tremulavam ;  
 Cantavam na floresta as aves noctivagas.

Do monta junto a rampa a lymphia, onde reflecte  
 A livida nudez dos astros em quebrantos,  
 Murmurava brandamente, e placidas corriam  
 As agoas, qual n'um sonho, em leitos ehristallinos  
 Se escoam lentamente as agoas do luar ;  
 Nas comas do balseiro espesso então silvava  
 O vento, e do relento as bagas regeladas  
 Cahiam revivendo as petalas das flores.

Depois . . . tornou-se o céo de nuvens bronzedas,  
 E o tumido elemento, o mar enraivecido,  
 Erguendo altivamente o lombo contra a rocha,  
 Arranca os vagalhões do peito bramidor ;  
 O vento da floresta arranca e adusto cedro,  
 E ao longe do trovão a bocca rugidora,  
 — Leão que tem por antro o ventre do infinito,  
 Medonha gargalhada atira para o espaço.

No mar, da tempestade aos rigidos vapores,  
 O nauta, ajoelhado ao longo do convez,  
 Envolta co'a celeuma a prece manda aos ares,  
 E a rubida esperança, essa ave purpurina,  
 Ao vêr no céo luzir a chamma do corisco,  
 Batendo fugazmente as azas jaspeadas,  
 Deixou sem ter mais nalma o som de seus cantares  
 O nauta, que da morte aos frios braços luta.

Relampagos sem fim, rasgando do infinito  
 A tunica de treva, espraíam claridade !  
 E' tudo anniquilado. As aves que catavam,  
 Co'as azas para o chão abertas, são geladas ;  
 O roble secular, co' os braços levantados,  
 Estorce-se febril na dôr d'um paroxismo :  
 Prostara-se do raio ardente, magestoso,

A' rabida explosão de chammass coruscantes.

Depois de muito tempo a paz da sepultura  
Cobrio d'esse scenario o longo cemiterio . . .

ELIZEU CEZAR.

## ALVORADA

Quando o sol vem rompendo essas neblinas  
 Que a vista nos impedem demanhã  
 E, sobre o floreo tapete das campinas,  
 Derrama' elle a sua luz tonante e sã,

Espalha tambem seus raios d'ouro  
 Por dentro os antros fundos e covis,  
 Onde dormem, como em largo sumidouro,  
 As serpentes escamosas, traçoceiras, vis.

Assim na negra noute de minh' alma  
 A luz d'esses seus olhos penetrou  
 E medonhas tempestades abrandou . . .

E não só no espir'to fez a calma.  
 Em mim todo onde reinava a treva a luta,  
 Dominou da materia a força bruta.

ZUARA.

## VERSOS

Ao longe enorme se levanta o grito  
 Do tufão que se ergue no horisonte,  
 E sacode a onda que innunda a praia  
 E rasga a nuvem que lhe rasga a fronte.

Eil-o á tarde que assoma iroso,  
 Atraz da nuvem no azulado espaço,  
 E abate as plantas da campina vasta  
 E estreita o monte n'nm nervoso abraço.

Levando as folhas que desprende o galho.  
 Derrama orvalho no jardim dos céos,  
 Abala as serras, amedronta os artros,  
 E atira as vagas do oceano, oh ! Deus !

GONZAGA.